

## SOCIOLOGIA E ARTES VISUAIS

LÍGIA DABUL<sup>1</sup>

A reunião de artigos que compõem o dossiê *Sociologia e Artes Visuais* é fruto do crescente envolvimento que pesquisadores brasileiros vêm tendo com essa área de investigação das ciências sociais. São trabalhos com interesses sociológicos sobre fotografia, cinema e as chamadas artes plásticas que, longe de uma amostra representativa do que no Brasil vem sendo feito, de algo como repertório de temáticas ou recursos teóricos predominantes, consistem em notícias de perguntas que cientistas sociais brasileiros vêm se fazendo e dos resultados de pesquisas que têm desenvolvido sobre as artes visuais. De fato, alguns dos trabalhos aqui apresentados foram dirigidos originalmente, noutras versões, para fóruns de pesquisadores com abordagens e objetos consideravelmente variados, congregados em espaços como grupos e mesas redondas de Sociologia da Arte ou Antropologia da Arte, cada vez mais frequentes no Brasil e já constitutivos de eventos promovidos por instituições científicas internacionais.

A diversidade de objetos e modos de aproximação da arte discutidos nessas ocasiões, impossível de ganhar síntese, atesta a riqueza do estudo das artes pelas ciências sociais, já porque, como de resto assistimos em tantas outras temáticas, não se prendem aos limites disciplinares tradicionais – por exemplo, os que poderiam distanciar sociologia e antropologia. Por outro lado, o aumento da inquietação frente às evidências do lugar central da arte na vida social e assim da sua investigação, correlaciona-se em boa medida com a especificidade de suas configurações no mundo contemporâneo. No artigo de Maria Lúcia Bueno, *Do moderno ao contemporâneo: uma perspectiva sociológica da modernidade nas artes plásticas*, é apresentado um conjunto importante de conjunções de processos fundamentais da arte – como os da globalização e segmentação da produção, de mecanismos sociais de consagração de obras e carreiras – como os que caracterizam o mundo moderno.

Em outro artigo, Sabrina Parracho Sant’Anna, ao comparar os diferentes projetos de modernidade que animaram os atores sociais envolvidos na criação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e do MoMA de Nova York, também coloca em questão formas assentadas por meio das quais, por vezes automaticamente, temos pensado a modernidade. Em outra direção, Patrícia Reinheimer analisa processos examinados constantemente, e de diversas maneiras, por cientistas sociais. Em *Tô maluco, mas tô em obra: a trajetória do artista moderno e as representações da loucura*, a autora apresenta dados de pesquisa etnográfica e descreve situações históricas de trânsito de valores entre arte e psiquiatria, na análise das repercussões da noção moderna de *criação artística* junto às representações sociais da loucura.

Para além dos desafios trazidos pelas novas feições que fenômenos artísticos vêm adquirindo, essa disposição dos pesquisadores em definir e redefinir objetos deve-se à própria afirmação da arte como área estratégica de pesquisa da vida social, retomada, com mais e mais fôlego, à medida que investigações se multiplicam.

Como se poderá constatar na leitura dos artigos que se seguem, mais que a discussão da singularidade da arte e de fenômenos sociais específicos que têm existência no seu âmbito, trata-se sempre de estudo da arte como acontecimento da vida social, com os instrumentos das ciências sociais, e com intenções de contribuir para as discussões cruciais que hoje essas ciências vêm promovendo. Em *Identidade e pertencimento: reflexões sobre a filmografia de Afonso Brazza*, Alice Fátima Martins revigora o exame que há muito a sociologia da arte vem fazendo da tensão *invenção / padronização* que acompanharia, como noutras tradições artísticas, a criação em cinema, na análise de produção de cineasta *trash* (ou *cult*) cuja importância poderia passar despercebida.

A legitimação da arte como objeto sociológico não reduz, contudo, a vocação que antropólogos e

sociólogos, voltados para a pesquisa da arte, há muito demonstram ter para o debate com os próprios artistas e outros interlocutores de disciplinas que igualmente se voltam para a arte com interesse. No artigo *A imagem fotográfica como objeto da sociologia da arte*, Kadma Marques e Silas de Paula – tomando como referência, também, um rol grande de preocupações geradas noutras disciplinas que igualmente se perguntam sobre a natureza e o impacto das mudanças recentes na produção e usos da arte fotográfica – indicam a atualidade de proposições de Pierre Bourdieu acerca da fotografia, considerando-as adequadas para dar conta das inúmeras transformações e das constelações de formas e usos assumidos hoje pela imagem fotográfica.

Confirmando esse caráter dialógico do conhecimento gestado nas pesquisas sobre a arte como vida social, não por acaso, ao lado do crescente número de trabalhos sociológicos e antropológicos sobre o assunto, observa-se a presença, cada vez maior, de cientistas sociais nas páginas de publicações acadêmicas da chamada *área das artes*, em especial das visuais<sup>2</sup>. Tal se deve também, em alguma medida, à importância da Universidade como espaço de formação e constituição de carreiras de artistas, fato indicado, no âmbito norte-americano, no texto de Maria Lúcia Bueno, mencionado anteriormente. Artistas situados na universidade, ou a ela relacionados, de fato acom-

panham o que em diversos outros âmbitos da vida social verificamos há algum tempo, com o contato dos atores sociais estudados pelas ciências sociais, com a produção e o raciocínio sociológicos sobre suas instituições, suas práticas e produtos. Formulações geradas em pesquisas passam a conformar seus objetos, ecoando nos discursos e análises, e também nas teorias que são construídas na sua dinâmica particular.

Ainda que atados a esse recorte específico, *Sociologia e Artes Visuais*, os cinco artigos trazem variadas e efetivas contribuições para o desenvolvimento dos debates e para recriar as questões que anunciam. Ao leitor, portanto, fazemos o convite para acompanhar essas cinco maneiras de, mais uma vez, a sociologia desencantar (e reencantar?), trazendo para o seio da vida social, artistas, suas experiências, seu público e obras, as idéias e representações que a seu respeito são construídas, e as instituições que as apresentam e guardam.

#### Notas

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia. Professora do Departamento de Sociologia da Universidade Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, *Arte & Ensaios* da UFRJ, *Concinnitas* da UERJ e *Poiésis* da UFF, para citarmos apenas revistas de universidades do Rio de Janeiro.